

ENTRE SONHOS, UTOPIAS E REALIDADE: A PRESENÇA DA MULHER NO COTIDIANO DOS MOVIMENTOS SINDICAIS

Aurora da Silva Pereira*

José Rubevan de Oliveira Lucena*

Nayara Magalhães dos Santos**

Resumo: Esta comunicação tem como ponto de partida a presença da militante Paula Lima no movimento contra a demissão de 2.800 funcionários da Ford, ocorrida no ano de 1998 na cidade de São Bernardo do Campo, localizada na “grande São Paulo”. A partir da análise de entrevista concedida por Paula Lima a Roberto Vêras e Maria Célia Paoli (publicado em SANTOS, 2009), que trata de sua participação nesse movimento, pretende-se ampliar o estudo, percebendo a importância da participação da mulher nos movimentos sindicais nas décadas de 1980 e 90. Nesse contexto, abordaremos temas como enfrentamento e medo, engajamento e discurso, aspectos presentes no cotidiano de Paula Lima e de suas demais companheiras de luta.

Palavras-chave: movimentos sindicais; mulher; cotidiano.

Introdução

Este estudo tem como ponto de partida a análise da entrevista concedida pela militante Paula Lima a Roberto Vêras e Maria Célia Paoli (publicado em SANTOS, 2009). Paula Lima atuou no movimento contra a demissão de 2.800 funcionários da Ford, em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo. A partir da análise da entrevista pretende-se ampliar o estudo percebendo a importância da participação da mulher nos movimentos sindicais nas décadas de 80 e 90.

Paula Lima se revelou personagem fundamental na construção do movimento contrário à demissão dos operários da Ford, ocorrido ao final de 1998, na região do ABC paulista. Nascida na cidade de Timbó, interior do Estado de São Paulo, mãe de dois filhos, residente em São Bernardo. Seu segundo marido era operário da Ford e um dos

* Estudantes do Curso de Especialização *História, Sociedade e Cidadania* do UniCEUB

demitidos naquele Natal de 1998. Dona de casa teve vários empregos, mas não se fixou em nenhum.

Ao regressar com o marido e os filhos de um encontro familiar em Presidente Prudente, Paula Lima foi surpreendida com a notícia da demissão de seu marido e de mais um número significativo de funcionários da montadora. Preocupada com a sobrevivência da família se vê diante de uma situação que, de algum modo, exigia a sua intervenção. Assim, entra no movimento sindical e, quase sem querer, se vê protagonista nesse movimento.

Com base na entrevista selecionada, é possível analisar a participação da mulher nos movimentos sindicais, no período em que ocorre o movimento sindical da Ford. Nesse contexto, abordaremos temas como enfrentamento e medo, engajamento e discurso presentes no cotidiano de Paula Lima e das demais companheiras de luta.

Dos textos lidos e discutidos em sala de aula, contaremos com a contribuição de Roberto da Matta, “Interesse contra a cidadania”, Alberto Melucci, “Movimentos sociais nas sociedades complexas”, Pedro Paulo Soares. Acrescentamos ainda os textos: “As perseguidas”, artigo publicado por Renato Sena Marques, na Revista de História da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; “Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical”, de Kimi Tomizaki e Maurício Rombaldi; “O trabalho da mulher e as negociações coletivas”, de Solange Sanches e Vera Lucia Mattar Gebrim. Tais textos servirão de âncora para a análise dos temas propostos. Para fundamentar a análise do discurso de Paula Lima durante a entrevista, consultamos a obra de Eni Orlandi e Michael Foucault.

Quem é Paula Lima?

... Eu nunca tinha visto uma fábrica... Eu nunca trabalhei num lugar que tivesse tanta gente desse jeito, né? Eu cheguei lá, o pessoal comentando sobre uma coisa, sobre outra...

(...) Aí, quando nós chegamos lá, eu, meu marido e meu filho, assim de braços dados, tudo, aí todo mundo já ficava olhando pra gente, porque uma mulher ali, né? (SANTOS, 2009, p.138)

Paula Lima se apresenta como alguém que desconhecia o mundo do operariado em uma fábrica com um número tão grande de funcionários, como no caso da Ford. A partir de sua indignação com a demissão de seu marido, ela decide cobrar uma ação do sindicato dos metalúrgicos, ao mesmo tempo em que se lança no movimento sindical e transfere

esse sentimento para todos os funcionários demitidos. Assim, a luta para reverter à situação passa a ser a sua causa. Mesmo sem que ela perceba, a questão da alteridade é marcante em sua personalidade, conforme demonstramos em sua própria fala:

Eu olhava no rosto de Cada um e pensava: será que esse é demitido, será que esse não?” eu ficava imaginando o que cada pessoa naquele momento tava pensando. Eu olhava que tinha senhor, assim... De bengala, um senhor moreno, tal... Então tava todo mundo ali... Uns transpiravam, acho que de nervoso, que o suor caia. Eu olhava pro rosto de outro, o outro estava derramando lágrimas... Então aquilo fez com que alguma coisa maior dentro de mim... Ficasse mais forte, certo? Por isso que eu convidei essas famílias... Naquele momento, às duas horas da tarde apareceram treze famílias. Um levou dois filhos, outras levaram quatro. Outra levou seis filhos... Nossa! Eu fiquei assim... Porque a minha casa é pequena e eu nunca imaginava que fosse aparecer aquele tanto de gente e eu tive que por gente pra sentar no corredor, gente pra sentar na escada... (SOUSA, 2009, p. 143).

No decorrer de sua ação a frente das famílias por ela mobilizadas, Paula Lima começa irradiar ideias para a materialização do movimento. Em decorrência dos diálogos entre ela e os manifestantes promoveram-se meios para fortalecer as negociações do sindicato. Mediante contribuições dos envolvidos criam-se estratégias e constroem-se ferramentas de luta: palavras de ordem, gritos de guerra; ceia simbólica de natal em frente à fábrica. Ela nem mesmo sabia o significado da expressão “palavra de ordem”. Em meio a esse burburinho, Paula Lima, sem o saber, inicia um processo de desconstrução do imaginário que até então permeia os movimentos sindicais, principalmente das duas décadas em estudo.

Nós queríamos fazer faixas, cartazes, e falar algumas coisas e fazer amizade com as pessoas pra fazer o movimento... Começar a fazer uma coisa bonita, né? E não, assim, com aquele sentido de que porta de fábrica é onde tem peão, é onde tem desunião, onde o pessoal briga, onde o pessoal bate...

(...)

Só o que eu vi lá era muito ser humano, eu não vi ninguém fazer baderna, eu não vi nada disso, sabe? (SOUSA, 2009, p. 143).

O catolicismo fervoroso da protagonista é seu grande aliado na confiança que ela desenvolve quanto ao sucesso do movimento. Ao longo da entrevista ela faz várias referências a sua fé, eis uma delas: *Deus, daí-me uma luz, para que eu possa fazer alguma coisa nesse momento pra chamar a atenção de alguém, para mostrar que as famílias que tão aqui tão sofrendo* (p. 146).

Movimento sindical nas décadas de 80 e 90 no ABC Paulista.

Os argumentos de sustentação dos textos lidos evidenciam a legitimação do movimento sindical construído após longo percurso no decorrer das décadas de 80 e 90. É necessário que se diga que esse período é permeado por práticas e discursos capazes de formular e reformular o próprio movimento sindical. Dessa forma, os sindicalistas se reconhecem e são reconhecidos como autênticos representantes dos trabalhadores na luta contra o patronato.

Um movimento em formação fala sempre a linguagem das lutas que o antecedem (MELUCCI, 2001, p.124). A trajetória do sindicato dos metalúrgicos do ABC (SMABC) é definitivamente associada a imagens que remetem a um passado. Essa trajetória é amplamente conhecida pela sociedade brasileira, das décadas de 70 a 90. Trata-se de um período em que há variados movimentos grevistas nos setores privados da sociedade brasileira.

Nesse período, o SMABC teve importância fundamental na construção do movimento sindical no Brasil, bem como está ligado à criação do Partido dos Trabalhadores - PT e da Central Única dos Trabalhadores – CUT, ambos no início dos anos oitenta.

Após os movimentos grevistas da década de 70, o SMABC praticamente cria um modelo de sindicalismo e de militância no Brasil. A CUT tem grande contribuição na formulação e na criação de um projeto hegemônico entre os principais sindicatos nacionais.

Durante os movimentos grevistas dos anos 80, o sindicato utilizava estratégias de enfrentamento radical e adotava práticas combativas ante o patronato. Dessa forma, assumia uma postura crítica com relação aos mecanismos de atrelamento do sindicato ao Estado; defendia o direito de greve e a negociação direta entre patrão e empregados, sem a interferência do Estado; a luta pela liberdade; a autonomia sindical; e a organização dos trabalhadores nos locais de trabalho.

Coerentemente a essa postura, os militantes dessa época caracterizavam-se pelo radicalismo, confronto e intermediação. Vale acrescentar, que tais militantes eram, em sua maioria, do sexo masculino, pessoas analfabetas ou semianalfabetas, vindas de diferentes regiões do país, particularmente do Nordeste, dada a busca por melhores condições de vida. Esses não possuíam experiências anteriores na militância política, aprendiam na prática cotidiana da defesa dos interesses da classe trabalhadora e no enfrentamento contra o patrão. Enfrentavam, portanto, maiores riscos em função da própria militância, tal como perseguição pela empresa, conforme afirmam TOMIZAKI e ROMBALDI (2009).

Assim, dado que, no período em questão, as desvantagens de ser sindicalistas superavam os possíveis ganhos, aqueles que se apresentavam para militar eram tidos como confiáveis e, mais do que isso, denotavam vocação para a política, que não poderia ser criada e nem ser ensinada, mas encontrada em determinados indivíduos que já nasceriam com ela e, diante da sua força, seriam incapazes de resistir ao chamado do engajamento político (p.101).

O militante Antônio, entrevistado por TOMIZAKI e ROMBALDI (2009), reafirma a crença na vocação militante dos indivíduos no movimentos sindicais:

Na verdade não se fabrica militante,né? Militante nasce feito! É muito difícil você fazer um militante. Você prepara um militante, você instrui um militante... O dirigente sindical ele não se faz porque ele chega e diz: Eu Sou. Ele tem que ter ação que combine com o momento, ele tem que se fazer e conhecer, ele tem que se fazer respeitar, mas não pela imposição, pela sua humildade, NE?Então é uma coisa que, de certa maneira, é difícil de ensinar. Não se ensina, tem que ter, a pessoa tem que ter dom, não é. (p. 104)

Percebe-se que mesmo sem ser denominada sindicalista, Paula Lima evidencia grande vocação para a militância no movimento sindical. Acompanhando o pensamento de Antônio, ela afirma, durante a entrevista concedida após o movimento contra a demissão dos funcionários da Ford em São Bernardo do Campo:

O que ficou mais marcante para mim foi que tudo que eu falava pras pessoas, pras mulheres principalmente, as mulheres... não sei o que elas viam em mim. Então, eu falava uma coisa e elas faziam, né? Teve um dia lá na fábrica que eu falei, eu tava assistindo a assembleia, assim, aí eu falei: “se não tiver alguma coisa...”. Foi antes do dia da vitória, foi na segunda-feira. Eu cheguei, falei pra elas assim: “vamos fazer alguma coisa, porque se a gente não fizer eu não sei o que vai acontecer”. Eu lembro que eu convidei toda mulherada. Eu sentei, primeiro no meio fio e falei assim: “Deus dai-me uma luz, pra que eu possa fazer alguma coisa nesse momento pra chamar a atenção de alguém pra mostrar que as famílias que tão aqui tão sofrendo”. Aí, naquele momento, eu levantei Dalí, agarrei no braço de meu filho, fui chamando as mulheres, uma agarrando no braço da outra, assim, e fomos caminhando pra portaria da fábrica, onde ficam as roletas. Aí, ficamos ali, sabe, de braços cruzados... (146)

Essa fala de Paula Lima corrobora com a fala de Antônio de que o militante já nasce feito. Pois o discurso dela revela a ausência de qualquer formação ou experiência sindical, bem como pouca base escolar. Sua liderança e suas decisões se pautam mais pela criatividade e pela intuição.

Em contrapartida, os anos 90 podem ser caracterizados como um período de mudanças de estratégias políticas na condução dos movimentos sindicais. Tais mudanças ocorreram em função de problemas e dificuldades provocados por alterações ocorridas no mundo do trabalho como, por exemplo, a modernização e a conseqüente transformação da organização do trabalho.

Essa nova realidade demandava uma militância capaz de produzir respostas inovadoras frente aos desafios impostos ao novo sindicalismo, assim o SMABC começa a investir na formação de seus militantes, oferecendo cursos, intercâmbios internacionais, valorizando a formação escolar e até cursos de línguas. O momento é propício ao surgimento de sindicalistas mais jovens e com maior escolaridade. Dessa forma, os velhos militantes vão cedendo espaço a novos militantes, conforme depoimento do sindicalista Osvaldo.

Olha, tem uma coisa que eu aprendi no meio sindical. Tem um determinado momento em que eu tenho dificuldade em ponderar, sabe?! Não sei se isso é bom ou ruim, mas eu

sou um pavio curto, quando o bicho pega, eu perco a razão. Eu aprendi um tipo de luta que não se aplicava para este momento. (TOMIZAK e ROMBALDI, p.103).

Assim como os militantes dos anos 80, Paula Lima não dispõe de nenhuma formação sindical, aprende a militar no exercício da militância. Este é um dos motivos pelo qual ela não consegue se fixar no movimento sindical dos anos 90, ou seja, possui uma escolarização mínima, nenhuma formação sindical, aprende a militar no exercício da militância. Este é um dos motivos pelo qual ela não consegue se fixar no movimento sindical.

Não é por acaso que Paula Lima não conseguiu se manter no mundo do trabalho, pois historicamente a mulher desempenha um papel de submissão ao marido, além de ser diretamente responsável pelo desempenho de atividades domésticas e de cuidado do marido e dos filhos. Esses fatores aliados a baixa escolaridade dificultam a inserção no mercado de trabalho, e mesmo que isso aconteça, ela não está isenta da dupla jornada.

Se por um lado a inserção da mulher no mercado de trabalho encontra fortes barreiras, por outro, a sua participação no movimento sindical é permeada por fatores que contribuem para sua baixa representatividade. ALVES (1999), citado por FERREIRA (2002) enumera alguns desses fatores.

Em primeiro lugar, certos tipos de emprego que conseguem as mulheres, caracterizados por instabilidade, informalidade, turno parcial, baixos salários etc. em segundo lugar, a falta de reconhecimento e de perspectiva profissional, bem como a baixa remuneração das mulheres, colaboram para reduzir a participação nos sindicatos, dado que fragmentam o universo profissional. Outro fator seria a dupla jornada de trabalho que impede a participação nas atividades sindicais, há, ainda, o machismo, uma que vez que maridos e pais buscam limitar a participação de suas esposas e filhas no meio sindical, considerando espaço de atuação não feminina, finalmente o domínio das tecnologias do poder, que ele traduz como a não habilitação das mulheres para disputar espaços de poder na hora de discursar ou candidatar-se a determinados cargos, sentindo-se melhor na execução de tarefas (p. 1)

As origens das desigualdades nas relações de gênero, que perpassam a sociedade e atingem o movimento sindical, está nas raízes de nossa história, onde se destacam elementos de uma cultura autoritária excludente. Foi assim no interior da

família patriarcal do período colonial, onde o homem mandava e a mulher obedecia. Hoje, no século XXI, ainda se percebe resquícios desse comportamento, que se reproduz nos espaços da sociedade de modo geral e também afeta o movimento sindical e social.

Apesar de toda a opressão histórica sofrida, há que se considerar que muitos direitos foram conquistados pelas mulheres, fruto de lutas e mobilizações femininas. Entretanto, foi com a promulgação da Constituição de 1988 que se proclama a igualdade jurídica entre homens e mulheres; amplia os direitos civis, sociais e econômicos das mulheres; estabelece a igualdade de direitos e responsabilidades na família; define a não discriminação por motivo de sexo, cor e etnia; proíbe a discriminação da mulher no mercado de trabalho e estabelece direitos reprodutivos. Isso reflete no aumento crescente das mulheres em espaços políticos, entre eles os sindicatos, antes não ocupados por elas. Elas, enfim, conseguem plantar seu tema nas agendas políticas gerais e tomam parte nas negociações da transição.

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado em 1985, garante a participação das mulheres na Assembléia Nacional Constituinte (1986-1988).

Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher! Esse é o lema do *lobby do batom*, como foi denominado o movimento de mulheres na constituinte, que reuniu mulheres de diversos partidos e movimentos sociais.

Através de emendas populares, mobilização para coleta de assinaturas por todo o país, as mulheres articulam junto aos poderes legislativo, executivo e judiciário e com a sociedade civil no sentido de fazer valer os seus direitos, antes negados e vilipendiados.

A década de 90 é marcada pela expansão e crescimento dos movimentos sociais, a exemplo dos movimentos de trabalhadores rurais sem terra (MST); LGBT; de negros; comunitários; para aquisição de moradia popular; pessoas com deficiência; contra a intolerância religiosa; entre outros.

Nesse contexto, é evidente a expansão dos movimentos feministas, compostos por mulheres de todas as categorias: pobres, trabalhadoras, negras, lésbicas, sindicalistas, ativistas, católicas progressistas, de religiões de matrizes africanas. Estas se fazem representar politicamente organizadas nos diversos espaços políticos, sociais e econômicos.

Vera Soares (1995) assinala que na década de 90 as mulheres brasileiras participam de forma mais consistente nos fóruns políticos internacionais, tais como o ciclo de Conferências Mundiais das Nações Unidas, que se iniciou na ECO-92, no Rio

de Janeiro, e nas conferências que se sucederam: Conferência de Viena sobre Direitos Humanos; preparativos da Conferência do Cairo sobre Desenvolvimento e População, em 94; preparativos da IV Conferência Mundial das Mulheres, realizada em 1995, participaram organizações de mulheres negras, movimentos de mulheres urbanos e rurais, grupos das periferias das cidades, trabalhadoras das centrais sindicais, organizações de lésbicas, sindicatos de empregadas domésticas, feministas acadêmicas, associações de prostitutas, entre outras.

Cabe acrescentar que, também nos anos 90, as mulheres tiveram êxito nas suas lutas, conquistando cotas mínimas de representação nos partidos políticos e nas direções de sindicatos.

Engajamento e Discurso

Neste ponto de nosso estudo nos propomos a buscar um entendimento mais abrangente da trajetória de Paula Lima no movimento contrário à demissão dos trabalhadores da Ford, e, conseqüentemente, seu engajamento no SMABC, analisando fragmentos da entrevista sob a perspectiva da análise do discurso.

Esta teoria, lançada em 1969 por Michel Pêcheux, coloca o discurso como objeto de estudo, e tem como foco a análise da fala em seu contexto de realização. Assim, o falante em seu discurso, evidencia, de forma nem sempre consciente, o pensamento coletivo construído, tendo como ancoradouro o lugar que ocupa no meio social. Estando, portanto, o falante circunscrito num determinado contexto sócio histórico, ele se posiciona em relação a esse contexto e se filia a um discurso expressando necessariamente uma ideologia, pois *não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia* (ORLANDI, 2004, p.31). Do ponto de vista teórico, o sentido do discurso se produz levando-se em conta a história, a ideologia e a linguagem.

Ainda para fundamentar a análise do discurso de Paula Lima, cabe chamar a atenção para a contribuição de FOUCAULT (1996) quando afirma que *tomar a palavra jamais representa um gesto ingênuo, pois sempre está ligado a relações de poder*; e ainda para a contribuição de SILVA (in: CARNEIRO, 2007)

A Análise do Discurso não foi projetada para ser apenas um simples campo de estudo, mas para ser um instrumento de luta política. Dentre outras funções, pretendia desmascarar as verdades construídas por políticos oportunistas, pois a verdade é “sempre uma reta em direção ao poder.

Após considerações iniciais, temos a primeira fala de Paula Lima:

- Medo... eles não diziam, né? Mas, pra ir pra porta da fábrica, eles diziam, assim, que tinham medo de ter um batalhão de choque, de ter uma repressão, alguma coisa nesse sentido, que fosse machucar alguém, né? Eu falei pro meu marido que no dia 4 eu iria lá, porque eu não me conformava com aquilo, eu queria ver o que alguém podia passar pra mim naquele instante. E meu marido falou assim: “tudo bem, então você vai”. Num domingo, nós fomos à missa, e lá encontramos um pessoal que falou assim: “eu não vou levar minha mulher”; ou outro: “eu também não vou levar minha mulher, você é doido de deixar sua mulher ir”. Meu marido foi pra casa conversando comigo: “ó, você não vai, porque senão... ninguém vai levar; só você vai?”. Eu falei assim: “pois, eu vou, você queira ou não, você me levando ou não, eu vou; porque eu não vou ficar em casa sofrendo, sozinha, esperando que alguma coisa aconteça; eu tenho que ir lá, ver”. Aí, ele foi comigo. A gente tava esperando um pessoal, lá, né? Mas, não apareceu ninguém... (SOUSA, 2009, p. 137).

Esse recorte do discurso de Paula Lima apresenta quatro aspectos que serão analisados neste tópico, são eles: a protagonista enquanto sujeito e a sua transformação ao longo do movimento sindical; a condição da mulher, que luta ou não para romper a condição de submissão ao marido e da sua participação nos movimentos sociais; o medo que, de alguma forma, se faz presente nos participantes dos movimentos sindicais; e o movimento sindical sob a perspectiva da protagonista.

Ao longo da entrevista Paula Lima vai analisando a sua participação no movimento e, simultaneamente, se autoanalisa e conscientiza de seu crescimento enquanto pessoa que se transforma de indivíduo a sujeito, autora da própria história e com potencial transformador da realidade que a cerca.

(...) Eu não tinha opinião nenhuma, sabe? Eu não ligava, eu não dava confiança pra nada (p.148).

Paula Lima começa se colocando como alguém incapaz sequer de assumir uma opinião sobre qualquer assunto ou fato e nem demonstrava interesse para tal. A palavra “nenhuma” presente em sua fala denota ausência de opinião formada o que se reforça pelas expressões que se seguem “Eu não ligava, eu não dava confiança pra nada”.

O impacto gerado pela demissão do marido faz com que ela se perceba como alguém com potencial para intervir em uma dada realidade: “Porque eu acho que a gente

não pode ficar de braços cruzados, esperando. A gente tem que lutar, correr atrás. Aí foi onde me viram na televisão, nos jornais, em tudo quanto é lugar, né?” (p. 141)

Ao se dar conta de sua potencialidade, ela age: “ E eles abriram a palavra pro pessoal que tava na assembleia. Eu não sei como tive coragem, naquele instante, de pedir... Eu só lembro que eu falei assim. ‘gente...’ – tava lotado o Sindicato -; e eu disse assim: ‘gente, nós somos poucos, mas nós vamos conseguir...’” (p. 141).

Três aspectos se destacam nessa fala: a inconsciência da própria coragem, a ausência de planejamento do próprio discurso e uma vaidade velada por ter tido a coragem de falar para uma assembléia lotada.

Em que pese o fato de Paula Lima tomar consciência de sua transformação, conforme se percebe em sua fala: “Com certeza, eu mudei. Hoje, eu sou mais ser humano, sabe? (...) Hoje, eu sou mais mulher... Porque eu não me conhecia como mulher” (p. 147), ela demonstra resquícios de uma tradição machista: “Eu só não fui porque meu marido não deixou, mas eu queria ir junto com Elenir” (172). A sua fala expressa ainda a espera da ação de um outro ente, que não ela mesma, sujeito indeterminado, que seria o responsável pela sua inclusão. “... deveriam falar: “puxa vida! Temos uma companheira aí, forte pra caramba, tem vontade de fazer alguma coisa, vamos aproveitar ela pra alguma coisa, né?;” (158) , “E eles abriram a palavra...”.

Ao final, Paula Lima demonstra um certo desencanto, pois esperava se incluir no movimento sindical e no mercado de trabalho. “Mas, hoje eu me encontro até desempregada, não consigo arranjar emprego” (157). A conjunção adversativa “mas,” utilizada por ela, demonstra que suas expectativas não se realizaram.

Na condição de ativista no movimento contrário a demissão dos 2.800 trabalhadores da Ford, a protagonista tem consciência de que esse espaço não oferece abertura para a participação da mulher “porque uma mulher ali, né?” (p. 138) e de que ela mesma não tinha preparo para atuar nesse movimento: “Eu não entendia nada de movimento feminista, nem de mulheres participando de movimentos. Eu via alguma coisa pela televisão, de alguém comentar... mas nunca tinha participado. Eu sei que foi, assim, inesperado pra mim ser reconhecida como liderança, na época, em 1999, quando aconteceu.

Quanto à participação de mulheres nos movimentos sindicais, Paula Lima vê que as mulheres são atuantes: “Eu vi que as mulheres são realmente fortes. Quando eu vi as mulheres falando, subindo lá e pegando o microfone na mão e falando com tanta

clareza, sem medo de falar que vai correr atrás, que vai ao Senado, que vai não sei aonde, que vai buscar isso e aquilo, eu fiquei muito orgulhosa de ter nascido do sexo feminino, viu? Muito” (158).

Em alguns momentos ela se vê como pertencente a esse grupo: “Hoje, eu faço parte da Feminina de Santo André... é um movimento de mulheres feministas. Então, hoje, eu tô participando desse movimento de mulheres. Hoje eu faço parte, também, da Frente Regional de Combate à Violência Contra a Mulher. A Frente Regional é em São Bernardo... Mas, eu fui atrás. Eu não fiquei parada, eu não quis cruzar os braços. Então, eu participo de palestras... Eu passei, assim, a ter muito carinho pelo pessoal do Sindicato. A CUT eu não conhecia. Passei a conhecer através dessa luta” (148).

Apesar do discurso acima, Paula Lima também sente excluída da participação política, ao ser questionada pelo entrevistador se ela tem uma militância em algum lugar, ela responde que “não, eu só vou, assim em passeatas. Porque se se falar que tem uma passeata ali por causa disso e daquilo, eu vou. Se se falar que tem em outro lugar, eu vou. Estou sempre assim... mas eu sou sozinha (162). Interessante é perceber a utilização das expressões que denotam lugar (*ali, em outro lugar*), e dos pronomes demonstrativos (*disso, daquilo*), percebe-se a indeterminação quanto ao movimento que de fato ela pretende atuar. Dá-se a entender que pode ser qualquer movimento, em qualquer lugar. Nessa fala, ela não se coloca como porta-voz de nenhuma causa “mas eu sou sozinha”.

O medo, presente no discurso de Paula Lima, revela características dos movimentos sindicais dos anos 80 ainda presentes no imaginário nos anos 90. “pra ir pra porta da fábrica, eles diziam, assim, que tinham medo de ter um batalhão de choque, de uma repressão, uma coisa nesse sentido, que fosse machucar alguém, né?” (...). “Eu só lembrava, assim, que o pessoal falava que o PT... o sindicato era baderneiro, que era isso, que era aquilo. Então eu morria de medo. Era só isso. (...) “Meu marido vinha de vez em quando em algumas assembleias (...). e eu até tinha medo que ele viesse porque às vezes a gente ouvia falar que era perigoso porque, como dizia, ‘os peões são baderneiros’, só fazem quebra-quebra e tal” (148).

O discurso de Paula Lima está repleto de substantivos e adjetivos (*batalhão de choque, repressão, machucar, baderneiro, perigoso e quebra-quebra*) que denotam as condições de enfrentamento e medo que permeavam os movimentos grevistas dos anos 80, em que eram recorrentes a utilização da força tanto do lado dos manifestantes

quanto do aparelho de repressão do Estado. É também significativa a supressão da fala, representada pelas reticências após proferir a sigla “PT...”, de forma sub-reptícia essa supressão atribui também ao Partido dos Trabalhadores, um juízo de valor: baderneiro, perigoso e promotor de quebra-quebra.

Chegando ao final deste trabalho, constata-se que Paula Lima representa a condição da mulher frente a uma sociedade fálica, tendo, portanto, que romper com as condições que lhes são impostas nessa realidade feita pelos homens e para os homens. Não obstante, a mulher, no Brasil, vem conquistando, mediante mobilizações de diversas naturezas, um lugar de fala e de respeito na sociedade.

Dessa forma, a representação que permeia o imaginário coletivo vai paulatinamente sendo desconstruída e a sociedade começa a perceber que a mulher não é o sexo frágil conforme se pensava. Finalizamos citando Marques: *Mas, apesar de tanta resistência, as mulheres, mesmo vivendo em tal contexto, conquistaram importantes avanços. E continuam conquistando.* (2010, p. 50).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Eduardo de Araújo & CARNEIRO, Egina Carli de A. Rodrigues. **Notas introdutórias sobre a análise do discurso: A fundação da Análise do Discurso.** Disponível em <<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introdutorias-analise-do-discurso-fundacao.html>> Acesso em 10 maio 2012.

FERREIRA, Claudia & BONAN, Claudia. **Movimentando-se nos espaços da política, da economia, da cultura e da identidade.** Disponível em: <http://www.mulheresemovimentos.com.br/p_livro_capitulos00.html>. Acesso em 05 maio 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MARQUES, Renato Sena. As perseguidas. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, n. 79, p.48 – 53,abr.2012.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente:** Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

SANCHES, Solange & GEBRIM, Vera Lucia Mattar. **O trabalho da mulher e as negociações coletivas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300007&lang=pt>, acesso em 15 maio, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Org.. **As vozes do mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/uploads/vera.pdf>> Acesso em: 17 maio.2006.

TOMIZAKI, Kimi e ROMBALDI, Maurício. Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical. **Proposições**, Campinas, v.20, n. 2 (59), p. 93-112, maio/ago., 2009.